

Migrações: uma tragédia humana que a Europa teima em não resolver

Jornada “Estudos Europeus 2017-2018

Luís Manuel Monteiro

Mestre em Estudos sobre a Europa

Universidade Aberta

Resumo

A ideia que no século passado se possuía sobre uma Europa pronta para uma união sólida, duradoura e habilitada a responder aos mais difíceis desafios, essencialmente a partir do momento em que foi ratificado o Tratado de Roma, não passa hoje de uma quimera devido aos litígios e à incerteza que campeiam neste velho Continente, em consequência da orientação política desastrosa que a União Europeia tem vindo a desenvolver nas últimas décadas, assim como os seus Estados-Membros.

Palavras-chave: Migrações; Europa; refugiados

Abstract

The idea we brought from last century of an Europe ready for a solid union, everlasting and able to respond to the most difficult challenges, essentially from the moment the Treaty of Rome was ratified, is today nothing more than a chimera due to the disputes. and the uncertainty that prevails in this old continent, as a result of the disastrous political orientation that the European Union has been developing in the last decades, as well as its Member States.

Keywords: Migrations; Europe; refugees

Introdução

“Refugiados da bestialidade das guerras, dos despotismos e da brutalidade de uma existência vazia e sem perspectivas têm batido à porta de outras pessoas [Europa, principalmente] desde o início dos tempos modernos. Para quem está por trás dessas portas, eles sempre foram - como o são agora - estranhos. Estranhos tendem a causar ansiedade por serem “diferentes” - e, assim, assustadoramente imprevisíveis, ao contrário das pessoas com as quais interagimos todos os dias e das quais acreditamos saber o que esperar.”

(Bauman, 2016a: 6)

Nunca será demais sublinhar, até para que interiorizemos com veemência, que a “aldeia global” onde vivemos atravessa um período assaz sombrio, por vários motivos, sendo a Crise dos Refugiados - estranhos que batem à nossa porta -, que assola a Europa (devido a atos terroristas hediondos; a conflitos armados e desavenças políticas entre Estados vizinhos por motivos étnicos, religiosos e culturais; a genocídios; a miséria abjeta, a fome extrema, a desemprego e falta de condições dignas para viver; a problemas ambientais e a interesses geoestratégicos e geoeconómicos regionais), o rosto mais visível do panorama dantesco contemporâneo.

A ideia que no século passado se possuía sobre uma Europa pronta para uma união sólida, duradoura e habilitada a responder aos mais difíceis desafios, essencialmente a partir do momento em que foi ratificado o Tratado de Roma, não passa hoje de uma quimera devido aos litígios e à incerteza que campeiam neste velho Continente, em consequência da orientação política desastrada que a União Europeia tem vindo a desenvolver nas últimas décadas, assim como os seus Estados-Membros. A este propósito, é de salientar a afirmação que *Leonidas Donskis* faz no livro *Cegueira Moral*, que escreve em conjunto com *Zygmunt Bauman*:

“A União Europeia está a viver uma crise ainda difícil de admitir. Em geral, a Europa tem sido vitimada por pragas e guerras, mas desta vez o seu destino está a ser decidido de forma banal e prosaica (raiano o absurdo), não por figuras dignas de serem chamadas de históricas - estadistas, mestres de retórica e do teatro políticos, diplomatas e

generais, todos incorporando o espírito da sua época -, mas por burocratas e tecnocratas da política e do mercado, escolhidos a dedo pela sua semelhança quase perfeita com outros comuns mortais.”

(Bauman e Donskis, 2016b: 209)

A Europa que se acreditava liberta de guerras e crises sociais - não esquecer que o século XX foi a Centúria dos Refugiados (êxodo da Espanha Franquista e da Alemanha Nazi, o martírio dos Palestínianos depois da criação do Estado de Israel, os “Boat People” vietnamitas, as chacinas étnicas no Ruanda, entre outros acontecimentos infaustos), é, presentemente, palco de problemas políticos e económicos gravíssimos, de ataques terroristas imprevistos; de disputas regionais para definir novas fronteiras entre regiões e/ou Estados; de desrespeito aos valores promulgados na Declaração Universal dos Direitos do Homem, nos princípios plasmados na Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia, assim como de outros diplomas que defendam o Homem enquanto ser humano pleno de direitos e o Humanismo, paradigma genuíno europeu; do ressurgimento da tortura, do tráfico humano e sexual, assim como da escravatura; e de ataques despidorados à liberdade de expressão e circulação, em nome de uma segurança impossível de garantir, sob a desculpa de que se encontram em perigo valores tão importantes como a sustentabilidade e a democracia.

A convicção de que os holocaustos e os *gulags* haviam terminado, definitivamente, com a queda do último bastião que significava cisão e apreensão, ou seja, a queda do Muro de Berlim em 09 de novembro de 1989, evola-se, irremediavelmente, ao apurar-se que em diversos Países Europeus se apoia de forma sórdida e arbitrária - em pleno século XXI e em consequência da apelidada crise de refugiados em resultado das migrações que vêm ocorrendo -, a discriminação e a exterminação étnica, erigindo-se para o efeito campos de concentração - designados, falaciosamente, de ‘campos de refugiados’ -, na Itália, na Grécia, em França e na Alemanha, assim como se constroem muros ou vedações anti-emigração na Espanha, na Grécia e na Bulgária.

É relevante salientar, para bom entendimento do pensamento do autor destas linhas, que o facto deste se referir aos “novos campos de concentração” que se edificam para receber refugiados neste século XXI, nada têm a ver com os

“campos de concentração nazis” construídos a partir de 1933 como parte de uma estratégia de dominação de grupos étnicos, dissidentes políticos e não só (*Judeus, Ciganos, Polacos, Yeniches, Anarquistas, Comunistas, Homossexuais, Minorias Religiosas e Deficientes Físicos e Mentais*), até à decisão da Solução Final em 1941, recebendo estes seres humanos, entretanto, tratamento bárbaro sem precedentes. Os “novos campos de concentração” que aqui são referidos, numa Europa que se arroga, nos dias de hoje, de defensora dos Direitos Humanos, procura, não uma “Solução Final Nazi”, mas um “Extermínio Pseudo-Democrata Lento”, bastante sofredor para quem neles, forçosamente, habita sem condições mínimas de vida.

Noutras partes do globo terrestre verificam-se, igualmente, perturbantes situações de jaez político, económico e social e no que respeita ao Médio Oriente, constatam-se profundas e ignóbeis conjunturas, designadamente no que concerne à disputa descomedida entre diversas correntes religiosas do Islão no intento de dominarem a região onde estão inseridas (Xiitas, Sunitas, Salafistas, Wahabitas), à disseminação do terrorismo através de grupos fundamentalistas, assim como a conflitos geopolíticos, geoeconómicos e geoestratégicos devido a recursos naturais (em especial o petróleo), o que origina o extermínio de povos, etnias e culturas, bem como a fuga de milhares de seres humanos para outras paragens, em busca da paz que não têm e de uma vida digna que é seu direito natural. Face a esta realidade pungente, uma questão torna-se oportuno perguntar:

- Será que a Europa, no que concerne às Migrações e aos Refugiados que estas originam e que tanto auxílio precisam, sempre procedeu de forma insensível e indiferente a nível de responsáveis políticos e dos cidadãos em geral, confirmando-se dessa maneira a extinção gradual do paradigma humanista que sempre identificou este Continente e os seus habitantes?

A Europa Atual

O passado revela-nos que não, porém, hoje em dia a resposta é afirmativa devido à forma célere como estas ocorrências chegam em tempo real às pessoas - através dos *mass media* convencionais e das redes sociais, conforme os interesses que cada uma destas partes defendem -, causando enorme perturbação nas audiências e/ou leitores por causa das atrocidades que se praticam e perplexidade pela inépcia de quem governa.

Perante o facto de que os seres humanos necessitam lutar entre si para saciarem as suas ambições e a sua ânsia de mudança ou poder e no intuito de tentarmos compreender algumas das razões que conduzem os atuais governantes europeus, bem como uma parte da população que os apoia, a reagirem de maneira tão glacial, discriminatória e iníqua, resta-nos neste momento fazermos a nós próprios as perguntas que o *Papa Francisco* colocou durante a Cerimónia de Entrega do Prémio Carlos Magno em Aachen a 06/05/2016:

“Que te sucedeu Europa humanista, paladina dos direitos humanos, da democracia e da liberdade? Que te sucedeu Europa, terra de poetas, filósofos, artistas, músicos, escritores? Que te sucedeu Europa, mãe de povos e nações, mãe de grandes homens e mulheres que souberam defender e dar a vida pela dignidade dos seus irmãos?”

Papa Francisco (2016)

Não é simples responder a estas questões até porque cada uma delas proporciona diversos entendimentos, todavia e seguindo a linha de pensamento de *Slavoj Zizek*, verificamos que perante o conhecimento de uma determinada ocorrência infeliz ou traumatizante, o ser humano comporta-se segundo um esquema de cinco etapas, organizado por *Elisabeth Kubler-Ross* na sua obra *Acolher a Morte*, sendo elas: a negação (a pessoa recusa-se a aceitar o facto); a raiva (que irrompe quando já não se consegue continuar a negar o facto); a negociação (a esperança de se poder, de alguma forma, adiar ou minimizar o facto); a depressão (que se traduz no desinvestimento libidinal); a aceitação (se não se pode lutar contra o facto, é melhor preparar-se para o que irá acontecer). Partindo desta conceção e devido ao que vamos assistindo no que respeita às pessoas que desesperadamente procuram chegar à Europa para viverem em paz uma nova vida longe de guerras, fome, miséria, violações e doenças, constatamos que a resposta ao afluxo de Migrantes - oriundos de África, do Médio Oriente e de outras regiões -, por parte das autoridades da União Europeia e dos cidadãos que a compõem, é uma combinação análoga às reações acima descritas, isto é, subsiste cada vez menos a negação: as pessoas começam a pensar que, conquanto a situação seja grave, é melhor ignorar os acontecimentos ainda que vários atos terroristas sucedam com alguma regularidade e a xenofobia recrudesça; existe raiva: os cidadãos europeus

entendem que os refugiados, para além de estranhos, são um perigo para o seu modo de vida e isto porque, segundo a sua opinião, existem fundamentalistas muçulmanos escondidos no meio dos grupos que chegam, daí que todos tenham de ser expulsos a qualquer custo pois é difícil identificar quem é quem, para além de que os que conseguem ficar na Europa (legal ou ilegalmente), vêm despossá-los de parte dos seus benefícios; existe negociação: os organismos responsáveis pela governação europeia concordam que se devem estabelecer diversos acordos (sem resultados concretos), criar quotas de entrada (que não são respeitadas) e edificar campos de concentração nos seus próprios países para controlar quem entra; surge a depressão: começa a pensar-se que a Europa está à deriva e que, gradativamente, persiste o perigo de ser dominada pelo Islão; a única reação que ainda não se verificou é a aceitação, a qual, neste caso concreto, significaria que já teria sido concebido um sólido plano pan-europeu para solucionar de forma digna o Problema dos Refugiados. É nesta aceitação, que ainda não aconteceu, que reside o grande senão. A União Europeia tem de saber encontrar solução para esta gravíssima questão, não procrastinando mais a mesma como tem vindo a fazer até agora, até porque as migrações, seja qual for a forma que assumem, fazem parte da realidade passada, atual e futura da Europa, assim como a maior acessibilidade existente hoje em dia, aumenta consideravelmente as possibilidades de mobilidade.

Aliás, sobre esta forma anómala de não responder ao problema dos refugiados, por parte da União Europeia, *Matteo Renzi*¹ (Primeiro-Ministro Italiano entre 2014 e 2016) foi bem explícito quando asseverou:

“A União Europeia afoga-nos com normas sobre a potência dos aspiradores ou o bocal das garrafas de azeite. Produz manuais mastodônticos a ensinar como se devem pescar robalos no Mediterrâneo, mas não dá uma diretriz política que seja, sobre a forma de enfrentar a Crise dos Refugiados nesse mesmo mar que separa (não deveria unir?) a Europa do Norte de África)”.

Matteo Renzi

É este alheamento dos Organismos Europeus que mais revolta causa, pois

¹ “Um Novo Século dos Refugiados”, In, Courrier Internacional - Editorial (Pág. 3) - julho 2015, Revista N.º 233, artigo de Rui Cardoso.

estão em causa vidas humanas e é esta atitude *adiafórica*² (conforme Zygmunt Bauman tão bem explica) que provoca o afastamento dos cidadãos europeus de quem se arroga que os defende, dado que a todo o momento dão provas de laxismo e de falta de empenho para resolver problemas desta dimensão, à exceção, obviamente, daqueles (poucos, felizmente, conquanto comecem a ter alguma expressão em diversos Estados-Membros) que desejam, através dos seus movimentos populistas, nacionalistas, racistas e xenófobos, que os refugiados sejam expulsos.

Os Problemas Demográficos da Europa e a Ineficácia da União Europeia

Perante o medo de islamização que os líderes europeus enfrentam e os cidadãos temem, devido às “loas populistas oportunistas” que circulam perigosamente no espaço europeu, apesar de se ter consciência que a Europa está envelhecida e precisa urgentemente de crescer em termos demográficos, o *Papa Francisco* alerta-nos, para a grande realidade dos refugiados e dos migrantes, a qual deve ser analisada com muita atenção, sob pena de se perder o paradigma humanístico que sempre caracterizou este nosso espaço:

“[...] é necessário enfrentar juntos a questão migratória. Não se pode tolerar que o Mar Mediterrâneo se torne um grande cemitério! Nos barcos que chegam diariamente às costas europeias, há homens e mulheres que precisam de acolhimento e ajuda. A falta de um apoio mútuo no seio da União Europeia arrisca-se a incentivar soluções particularistas para o problema, que não têm em conta a dignidade humana dos migrantes, promovendo o trabalho servil e contínuas tensões sociais. A Europa será capaz de enfrentar as problemáticas relacionadas com a imigração, se souber propor com clareza a sua identidade cultural e implementar legislações adequadas capazes de tutelar os direitos dos cidadãos europeus e, ao mesmo tempo, garantir o acolhimento dos imigrantes; se souber adotar políticas justas, corajosas e concretas que ajudem os seus países de origem no desenvolvimento sociopolítico e na superação dos conflitos internos [...], em vez das políticas interesseiras que aumentam e nutrem tais conflitos.”

(Papa Francisco, 2014)

Reforça esta sua ideia lembrando que,

“Cuidar da fragilidade [dos povos e das pessoas] quer dizer força e ternura, luta e fecundidade no meio dum modelo funcionalista e individualista que conduz inexoravelmente à «cultura do descarte».

² “Para mim o termo ‘adiafórico’ não significa ‘não importante’, mas ‘irrelevante’ ou, melhor ainda, ‘indiferente’ ...” (Bauman e Donskis, 2016: 56).

Cuidar da fragilidade das pessoas e dos povos significa guardar a memória e a esperança; significa assumir o presente na sua situação mais marginal e angustiante e ser capaz de ungi-lo de dignidade. [...] Uma das doenças que, hoje, vejo mais difusa na Europa é a solidão [e essa] vemo-la no olhar perdido dos imigrantes que vieram para cá à procura de um futuro melhor.”

(Papa Francisco, 2014)

A União Europeia, acima de tudo e independentemente de todos os esforços que tem vindo a fazer desde 1999 até à presente data, com a criação de Diretivas, Regulamentos e Orientações, bem como a revogação de outras tantas e para além da profusão de Cimeiras (5), Acordos (7), Agendas (4), Fóruns (2) e Planos de Ação (4) que tem realizado e celebrado, precisa saber transmitir aos seus cidadãos, que os fenómenos migratórios beneficiam as sociedades de acolhimento e de origem (os seus protagonistas enviam remessas de dinheiro e adquirem conhecimentos que melhoram as condições de vida locais), assim como os próprios migrantes.

Face à evolução demográfica europeia atual e futura, as migrações têm a virtude de desempenhar um papel decisivo, dado que compensará a escassez de mão-de-obra e de habitantes que este envelhecido Continente tanto carece, para além de que os migrantes trazem consigo novas opiniões e novos conceitos, os quais estimulam a criatividade e a renovação, promovendo trocas de caráter social e cultural bastante enriquecedoras.

Perante esta situação, a União Europeia, com o propósito de complementar e sintonizar as políticas nacionais dos seus Estados-Membros, no que respeita à imigração e ao asilo, tem de criar algo que ainda não foi conseguido: uma política comum eficaz e sem subterfúgios, no intento de garantir uma gestão eficaz da migração legal, de sustentar a migração irregular, de aperfeiçoar as medidas de integração, de potenciar os benefícios do fenómeno migratório para todos os envolvidos, de fortalecer a colaboração com os países que ocasionam êxodos e tornar, dessa forma, a Europa um espaço aprazível e seguro para quem chega, resolvendo-se assim a “jusante, o que não se consegue solucionar a “montante”.

Presentemente, numa União Europeia com graves problemas demográficos; com uma enorme insuficiência de mão-de-obra; com um contexto social e económico

intrincado; com uma disparidade - em quantidade - de pedidos de asilo e de aceitação de refugiados; com um progressivo fluxo de migrantes irregulares e algumas debilidades na inclusão destes, é essencial a preparação e estruturação de estratégias proativas comuns entre os Estados-Membros, no intuito de se encontrarem recursos e tomarem decisões úteis e competentes para os reptos que se enfrentam, em vez de se mitigar os problemas conforme surgem e tendo em apreço, inclusive, o cumprimento efetivo dos princípios democráticos e humanistas do Direito Internacional, a observância das normas consagradas na Declaração Universal dos Direitos do Homem, na Declaração de Nova Iorque sobre Refugiados e Migrantes, na Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia, na Declaração dos Direitos das Crianças, na Convenção de Dublin, entre tantos outros diplomas.

Acresce o facto que as migrações só se materializarão com eficiência, se os migrantes se integrarem com sucesso no país de acolhimento e tal só pode suceder se a sociedade que os receber lhes possibilitar a oportunidade de os deixarem participar totalmente na comunidade onde ficarem inseridos, proporcionando-lhes o ensejo de trabalharem, estudarem, conhecerem uma nova língua e desfrutarem dos mesmos direitos, por forma a que os migrantes criem um sentimento de pertença, assim como estes terão de aceder aos princípios e aos valores da sociedade que os aceita, participando de forma ativa e cooperante para o progresso económico e social, assim como para a multiplicidade cultural da União Europeia.

Como em tantos outros assuntos relevantes da nossa sociedade coetânea, a ambivalência de pareceres sobre este tema tão visível e ao mesmo tempo obscuro, marcam o debate público e político, por tal facto as soluções urgentes que devem ser tomadas e postas em prática, tardam em surgir.

Por muito boa vontade que possa haver e não existe, o problema das migrações e por inerência dos refugiados, não se encontra resolvido - quanto muito vai sendo remediado - e irá demorar muito tempo para ser solucionado, devido à burocracia prevalente a nível administrativo (não só na União Europeia, como nos Estados-Membros); ao desmedido número de diplomas legais que são produzidos e que só geram confusão, para além de entendimentos dúbios; aos acordos infrutíferos que foram acontecendo e irão continuar a suceder; às divergências existentes entre Estados-Membros sobre este tema polémico, mais

a mais numa União de 28 Membros em que 5 deles (o Clube de Visegrado, composto pela Hungria, República Checa, Eslováquia, Polónia e Áustria) são completamente avessos à entrada de Migrantes e o Reino- Unido (já de saída por força do “Brexit”) prefere pagar a Países Latinos e Asiáticos para os receber, colocando à disposição da ONU 35 milhões de libras para compensar os Países fora da Europa que estejam interessados em recebê-los (América Latina em especial), tendo inclusive construído, com a anuência da França, uma vedação em Calais para evitar que aqueles cheguem a Dover por via marítima ou a Folkestone no Kent, através do Eurotúnel; tardará a resolver, ainda, por causa dos políticos inconscientes que governam os desígnios dos cidadãos europeus e dos migrantes enquanto seres humanos sofredores, atendendo aos interesses opacos que protegem na altura das grandes decisões.

Uma coisa é certa: a União Europeia não tem estado à altura da responsabilidade deste gravíssimo problema (será que alguma vez vai estar?) e futuras decisões terão de ser tomadas a 22, em virtude de o Clube de Visegrado ser contra a integração de refugiados nos seus territórios. Embora seja importantíssimo existir acordo entre os Estados-Membros da União Europeia sobre esta questão e haver necessidade de celebrar Acordos com Países Terceiros, se a boa vontade imperar tudo se realizará com celeridade. Porém, não é isso que tem acontecido.

O Que Tem Sido Feito / O Que Está a Acontecer / O Que Pode vir a Ocorrer

Já se volveram 18 anos desde que o Conselho Europeu de Tampere de 1999 começou a desenvolver um Sistema Europeu Comum de Asilo para colmatar lacunas existentes no capítulo da imigração Legal e Ilegal e chegamos aos dias de hoje ainda a discutir a forma como a migração vai ser solucionada, quem é que recebe quem, quem tem direito ao “Cartão Azul da União Europeia” e que benefícios é que se podem atribuir a quem for aceite.

A União Europeia tem protelado soluções porque não estava preparada para uma entrada tão significativa de pessoas (recorde-se que os primeiros grandes fluxos migratórios ocorreram a partir da década de 90 do século XX e em 2000 viviam aproximadamente 21 milhões de pessoas dentro das fronteiras da Europa, num País que não o da sua nacionalidade, 13 dos quais tendo como proveniência países europeus), daí que, a atual crise deva ser considerada a pior desde a 2.ª Guerra Mundial e os números são alarmantes: desde 2000

cerca de 23.000 pessoas perderam a vida no Mediterrâneo (Rota Ocidental), não se sabendo quantas feneceram nas outras 2 Rotas (Central e Oriental); em 2015 e 2016 mais de 2,5 milhões de pessoas pediram asilo na União Europeia e durante o mesmo período a Agência Frontex, responsável pela vigilância das fronteiras da União Europeia, detetou 2,3 milhões de travessias ilegais. Estas falhas expuseram as deficiências que o Sistema Europeu de Migração tem, daí que o Parlamento Europeu e a Comissão Europeia tenham procurado solucionar as mesmas com alterações nas Regras de Asilo e com a criação de um sistema mais justo de distribuição de Requerentes de Asilo entre os Estados-Membros, bem como através do reforço dos controlos das fronteiras da União Europeia e da gestão da Imigração Mas este não é o único problema que afeta a Europa presentemente, dado que outros começam a ganhar contornos preocupantes e vão atingir o Continente Europeu nos tempos mais próximos. O século XX causou destruições incompreensíveis e já em pleno século XXI, considerando a permanência e agudização dos problemas críticos que as situações sucedidas no século anterior geraram, essas circunstâncias alteraram irreversivelmente o comportamento dos seres humanos, a sua confiança num porvir pacífico e próspero e, com o temor em suas mentes perante a contingência desta realidade se consumir num novo pesadelo, desvirtuou e secundarizou a essência do Humanismo, transformando os atores sociais da orbe terrestre em meros títeres alucinados e reprimidos por um sistema cruel que não se compadece com as suas necessidades elementares, para além de ter transvertido o planeta num espaço de experiências perniciosas, que cada vez o destroem mais.

Todas estas sequelas têm cabimento neste proscénio internacional, em resultado de uma xenofobia que se universalizou velozmente; de um racismo que ganha de novo mais espaço para atuar; de um nacionalismo e/ou separatismo cada vez mais acerado; de um segregacionismo inconcebível; de uma intolerância religiosa ininteligível; de um populismo negativo e de uma demagogia impudente que ganham terreno celeremente entre os povos descontentes com modelos ideológicos desatualizados e governações incompetentes; com o ressurgimento de uma extrema-direita feroz que deseja recuperar o espaço perdido e de uma extrema-esquerda sequiosa de conquistar o seu lugar na cadeira do poder; com o comportamento pouco rigoroso e demasiado permissivo dos políticos que

governam o mundo e cujas reputações se encontram desacreditadas de forma radical por causa das atitudes imorais, corruptas e polémicas que defendam; e devido, ainda, à ingerência económica na soberania dos Países por parte de um capitalismo desorganizado e desmedido, que passou a dominar o destino de tudo e de todos.

Conclusão

O nosso Continente não é somente uma zona situada ao acaso no *mapa-mundi* e sem algum sentido, é, isso sim, um ponto de chegada e partida histórico-universal, pois ostenta a singularidade de ter concebido uma qualidade que lhe é reconhecida em todo o universo coevo: a Europa é o berço onde emanou a universalidade, conquanto as suas raízes provenham de uma ancestralidade extrínseca. Por esta razão tão eminente e principalmente devido à crise gravíssima e contínua que se vive, à destruição de diversas culturas, aos problemas societários existentes e ao problema das migrações, é pedido a cada um de nós - europeus -, que nos congreguemos e assumamos algo que o *Papa Francisco* nos desafia a fazer:

“[...] chegou a hora de construir juntos a Europa que gira, não em torno da economia, mas da sacralidade da pessoa humana, dos valores inalienáveis; a Europa que abraça com coragem o seu passado e olha com confiança o seu futuro, para viver plenamente e com esperança o seu presente. Chegou o momento de abandonar a ideia de uma Europa temerosa e fechada sobre si mesma, para suscitar e promover a Europa protagonista, portadora de ciência, de arte, de música e de valores humanos [...].”

(Papa Francisco, 2014)

Neste contexto, a Europa tem de voltar a ser uma família de povos que saiba acolher outros povos, que saiba promover de forma sábia a unidade, aceitando similarmente a variedade distintiva de cada um, enaltecendo os costumes pessoais, deixando de ver um inimigo no Outro e incentivando este a deixar de ver em cada europeu um opositor.

Colocar de novo o Homem no centro da história, permite que este pode expressar espontaneamente a própria essência, assim como a sua criatividade, não só como cidadão do mundo, mas também como intelectual e membro ativo de uma comunidade e tal desiderato permitirá edificar uma nova Europa, desta

feita multicultural na sua substância e que respeita identidades culturais díspares. É tempo de reconstruir uma Europa que passe a circular em redor dos valores sagrados do ser humano, como defende *Adriano Moreira* (2016); uma Europa que enlaça com bravura o seu passado e contempla com firmeza o seu porvir, vivendo, plenamente e com fé, a atualidade. Em vez de uma Europa receosa e reclusa em si mesma, de um espaço geográfico sem liderança, sem elã e sem alma, tem de se desenvolver uma Europa interventora e mensageira da ciência, da arte, da música, de valores humanos, de paz, de fraternidade e também de convicção e crença; a mesma Europa que, como outrora, estudava o Céu para se inspirar e estendia a mão à Terra para dela receber a sua energia telúrica.

É isso que se ambiciona de novo: uma Europa que intervém, que defende o Homem, que progride em terra compacta e sólida, sendo dessa forma e de novo, um preciosíssimo exemplo para toda a Humanidade; uma Europa universalista no melhor dos sentidos, que detém conhecimento e que sabe disseminá-lo no mundo, de forma altruísta, mas tendo sempre presente a abertura necessária para aprender com as demais culturas, pois também elas têm algo a ensinar, evitando-se, dessa forma, novas formas de superioridade cultural - etnocentrismo europeu -, que foram apanágio deste Continente no passado. A Europa do século XXI, até à presente data, revelou as suas debilidades, os seus limites e a sua incapacidade para descobrir soluções para o problema das migrações, assim como um novo rumo que crie uma consanguinidade universal verdadeira que permita uma partilha iluminada e transcendental, originando dessa forma uma vitória venturosa para todos, sem exceção alguma e sem exclusão de pessoas, venham de onde vierem. É tempo de erradicar modelos de atuação obsoletos e encetar um novo caminho. Só desta forma e com determinação é que se conseguirá sobrepujar a tragédia humana que assola a Europa, solucionando definitivamente o problema que teimosamente não se tem resolvido, por inabilidade, por litígios entre Estados-Membros da União Europeia e por interesses imorais.

Referências Bibliográficas

- **BAUMAN**, Zygmunt e **DONSKIS**, Leonidas - *Cegueira Moral - A Perda da Sensibilidade na Modernidade Líquida*. Lisboa: Relógio D'Água Editores. 2016b. 266 p. ISBN: 978-989-641-646-1.
- **BAUMAN**, Zygmunt - *Estranhos à Nossa Porta*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Editor, Ltda. 2016a. 120 p. ISBN: 978-85-378-1614-1.
- **CARDOSO**, Rui - *Um Novo Século dos Refugiados*. Lisboa: Courier Internacional (Editorial), Pág. 3 - Revista Nº. 233. Julho / 2015.
- **FRANCISCO**, Papa - *Discurso proferido no Parlamento Europeu em Estrasburgo - 25/11/2014*. [Em Linha]. [Consultado em 2017/11/16]. Disponível na Internet:
<URL:http://pt.radiovaticana.va/news/2014/11/25/discorso_do_papa_ao_parlamento_europeu_em_estrasburgo/1112319.
- **FRANCISCO**, Papa - *Discurso proferido durante a Cerimónia de Entrega do Prémio Carlos Magno em Aachen - 06/05/2016*. [Em Linha]. [Consult. em 2016/09/15]. Disponível na Internet:
<URL: <http://papa.cancaonova.com/discorso-do-papa-em-entrega-do-premio-carlos-magno/>.
- **MOREIRA**, Adriano - *Teoria das Relações Internacionais*. Coimbra: Editora Almedina. 2016. 674 p. ISBN: 978-972-406-729-2.
- **ZIZEK**, Slavoj - *Europa à Deriva - A Verdade sobre a Crise dos Refugiados e o Terrorismo*. Lisboa: Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda. 2016. 150 p. ISBN: 978-989-665-073-5.

WEBGRAFIA

- https://www.rtp.pt/noticias/mundo/alemanha-aloja-refugiados-em-antigos-campos-de-concentracao_v860616
- <http://observador.pt/especiais/os-novos-muros-da-europa/>
- http://pt.radiovaticana.va/news/2014/11/25/discorso_do_papa_ao_parlamento_europeu_em_estrasburgo/1112319
- http://www.eurocid.pt/pls/wsd/wsdwcot0.detalhe?p_cot_id=9509
- [http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,londres-pagara-para-paises-
latinos-e-asiaticos-receberem-refugiados,70001652482](http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,londres-pagara-para-paises-latinos-e-asiaticos-receberem-refugiados,70001652482)
- [http://www.europarl.europa.eu/news/pt/headlines/society/20170629STO78630/
a-crise-de-migracao-na-ue-em-numeros](http://www.europarl.europa.eu/news/pt/headlines/society/20170629STO78630/a-crise-de-migracao-na-ue-em-numeros)

<http://www.europarl.europa.eu/news/pt/headlines/society/20170629STO78632/a-migracao-na-europa>

<https://www.publico.pt/2017/10/29/mundo/noticia/2017-os-populistas-afinal-estao-ai-1790621>

<http://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2017/07/conheca-principais-rotas-migratorias-da-atualidade.html>

<https://www.publico.pt/2017/07/03/mundo/noticia/o-ambicioso-e-carismatico-vencedor-do-jogo-de-tronos-saudita-1777706>

https://www.rtp.pt/noticias/mundo/lider-do-hezbollah-acusa-arabia-saudita-de-declarar-guerra-ao-libano_n1039537